

Considerações finais

No decurso da pesquisa que deu origem a este trabalho, buscamos estabelecer desde o início coordenadas na obra de Freud que indicassem uma origem da angústia independente do recalque. Demonstramos a presença de um caráter real de excesso constante em todas as concepções freudianas sobre este afeto.

Num primeiro momento, no que se refere ao modelo psicofisiológico do período anterior à “Interpretação dos sonhos” (1900), vimos a angústia como uma descarga direta a partir da esfera somática, uma excitação excessiva que não se faz representar no psiquismo. O correlato desta concepção na clínica das neuroses é a neurose de angústia (Freud, 1895). Apesar de ter sido relegado para segundo plano em favor de uma abordagem metapsicológica da angústia, vimos que este ponto de vista pôde ser retomado e relido em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926) a partir das contribuições oferecidas pela revisão da noção de trauma a que a introdução da teoria da pulsão de morte conduziu.

A elaboração de uma teoria da angústia solidária ao conceito de recalque promoveu uma guinada na direção deste afeto nos escritos de Freud. A clínica das psiconeuroses, campo psicanalítico, por excelência, desenvolvia-se a partir do trabalho de interpretação da fala do paciente e das formações do inconsciente. Foi para esse campo que as elaborações sobre a angústia se encaminharam.

Intimamente articulada ao mecanismo do recalque, a angústia foi concebida, então, como seu produto. A angústia era, de acordo com este modelo, o afeto para o qual todos os afetos poderiam ser convertidos após a incidência do recalque. “(...) A ansiedade constitui moeda corrente universal pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito à repressão” (Freud, 1916-1917, p. 404).

Enquanto afeto, mais uma vez, a angústia aparece em contraposição às representações (Freud, 1915b). Delineamos uma concepção mínima constante de afeto nos trabalhos freudianos – a despeito da forma não linear como este assunto vem à baila –, uma vez que o percurso desta teorização nos parece revelar um pouco da própria abordagem da angústia. O que encontramos, em geral, foi o

afeto como o elemento desprendido da representação em decorrência do mecanismo do recalque. Ele “se desprende, fica à deriva” é “deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado” (Lacan, 1962-1963, p.23). Desde o início, portanto, a questão do afeto confunde-se com a da angústia, embora mantenha posição independente nos escritos anteriores à metapsicologia. A partir de então, vemos este tema ser apresentado timidamente, até ser completamente absorvido pelas considerações sobre os estados afetivos do desamparo, do trauma e, notadamente, da angústia (Vieira, 2001).

Com esses elementos, pudemos inferir que a primeira teoria da angústia não se desvencilhou de todo da antiga explicação somática para a origem deste afeto. Vimos, deste modo, que, independente do paradigma de sustentação do corpo conceitual vigente em cada um dos movimentos da obra freudiana, o caráter de excesso que sempre marcou a experiência da angústia só pôde ser revisto e nomeado com a elaboração do “Além do princípio do prazer” (1920). A retomada e releitura da noção de trauma e a introdução da pulsão de morte introduz na produção teórica de Freud aqueles fenômenos que se apresentavam à clínica e não se coadunavam com um modelo somente baseado na decifração, calcado no aspecto representacional do aparato psíquico. Tratava-se de fenômenos de repetição que não respondiam à interpretação (Freud, 1920).

Se num primeiro momento, Freud (1895) enfoca este tipo de manifestação do adoecimento psíquico – não manejável como formação do inconsciente – enquanto efeito de uma descarga somática, a partir de 1920 essa insistência irrepresentável adquire uma faceta pulsional. O além do princípio do prazer, que vemos traduzido no ensino lacaniano pela noção de gozo, traz essa dimensão de impossibilidade do aparelho psíquico, enquanto trama simbólica, de tudo apreender. A partir daí, foi conferido a este afeto um lugar, não mais somático ou fora do psíquico, de modo que, aquilo que escapava ao antigo modelo exclusivamente referido ao recalque pôde ser incluído na teoria da psicanálise.

Na segunda teoria da angústia, enunciada em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), este estado afetivo impõe-se como uma reação diante de um perigo. Este perigo, que passa a ser referência central no tema da angústia, Freud o remete ao desamparo originário do bebê ainda incapaz de atender, sem auxílio, às próprias necessidades. A angústia seria a repetição de uma reação afetiva diante da

ameaça de restabelecimento de uma nova situação de desamparo. Tentando definir a origem desta reação impressa no psiquismo e repetida como estado de angústia, Freud recorre ao trauma do nascimento. Esta vivência seria a primeira inundação do aparelho por um excesso de excitação impossível de se elaborar. A anterioridade da angústia em relação ao psíquico, que Freud reafirma inúmeras vezes ao tratar da angústia, a partir de então, sempre como algo prévio ao recalque e a própria constituição do sujeito, Lacan a retoma designando para a angústia um objeto que é, ele próprio, pré-subjetivo, a saber, o objeto *a*.

Este objeto, releitura do objeto perdido da experiência de satisfação e da estranha *Coisa* freudiana, *das Ding*, Lacan (1962-1963) o faz resultar da operação de constituição do sujeito no Outro, não como quociente, mas como resto. O sujeito, ainda inexistente (S), só constitui-se no Outro como sujeito do significante (\$). Por esta entrada no simbólico, no entanto, paga-se um preço. Nem tudo que é do ser, o sujeito inicial, mítico, não barrado, entra no significante. Este algo que fica de fora, porção de real excluída na operação de constituição do sujeito, tem uma função estrutural (Lacan, 1964a e 1964b). Sua posição problemática com relação aos limites do aparelho nos reconduz à questão da origem da angústia e seu caráter de anterioridade em relação ao subjetivo.

Tal radicalização da perspectiva do objeto, agora, despido de sua materialidade mundana, o revela como uma espécie de porção condensada de gozo. A angústia é, portanto, “da ordem da aproximação” (Lacan, 1962-1963, p. 175) deste perigo, que é o objeto *a*. A única tradução subjetiva deste objeto é a angústia (*Ibidem*). Ela irrompe ante a ameaça de retorno daquilo que deve permanecer fora da cena para que esta possa se sustentar, já que este objeto, enquanto ausência, garante um vazio estruturante que causa o desejo. É só porque algo nos falta que podemos nos orientar no mundo, de objeto em objeto. Se a falta falta (Lacan, 1962-1963) não temos a realização do desejo, mas a invasão do gozo, posto que nos constituímos, pela falta, como sujeitos do desejo.

Encontramos, neste ponto, uma dissonância fundamental entre Lacan e aquilo que parece evidente numa primeira leitura de “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), a saber, que o desamparo advém da falta de um objeto valioso. Freud parece tentar localizar estas perdas significativas em cada fase da vida, sendo todas ressignificadas pelo complexo de castração. A angústia, para Freud, é

angústia de castração. Lacan (1956-1957 e 1962-1963) contesta esta concepção ao afirmar que a castração é aquele vazio estruturante, que sustenta o movimento do desejo e a vida subjetiva. A esse respeito, Lacan (1956-1957) fala da “necessidade do complexo de castração” (p. 227).

Acreditamos que essa aproximação da problemática da angústia como falta da falta, índice do gozo pode contribuir para a clínica contemporânea. Vemos nos ataques de pânico a angústia muito mais próxima do trauma, do desamparo e do gozo, que do sinal. O sujeito desarvorado do pânico parece esmagado por esse excesso desestruturante de que falamos ao longo de todo este trabalho. “O indivíduo acometido por ataques de pânico é alguém que vive sob a constante ameaça de desabamento de seu mundo” (Pereira, 2008, p. 248). A manifestação de angústia no pânico retrata de maneira muito crua a condição do desamparo e o limite de significantização próprio do aparelho (*Ibidem*).

Seria possível encontrar alguma condição dos nossos tempos que propicie este contato quase sem mediação com o desamparo, o gozo e o traumático? A esse respeito, estamos quase no avesso dos tempos freudianos. No lugar da interdição, a tônica da satisfação, uma intimação ao prazer (Vieira, 2008).

Freud, em “Totem e tabu” (1913) e “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), dedicou-se a estender a lógica do funcionamento psíquico individual aos recônditos do nascimento da civilização e ao funcionamento de grandes grupos.

Em “Totem e Tabu”, Freud (1913) cria a imagem de uma horda primitiva hipotética, controlada por um macho autoritário que detinha para si com exclusividade todas as fêmeas do grupo. Incapazes de vencê-lo num combate individual, os filhos da horda decidem, em conjunto, livrar-se dos desmandos do pai. Esta seria a primeira forma de contrato, embrião da comunidade humana. Após o parricídio, os filhos o devoram num banquete, assim, identificando-se com o pai tão odiado e temido quanto admirado e invejado. A morte do líder, entretanto, não representou um alívio aos que poderiam herdar suas regalias. Pelo contrário, “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (*Ibidem*, p. 146). As interdições garantidas por sua presença tirânica são, então, perpetuadas pelos próprios filhos que abdicam de gozar com as mulheres, agora libertas.

Com este mito, Freud universaliza a interdição de um gozo que produz uma exceção constitutiva e reguladora. A exceção faz a regra e faz o grupo, que se

mantém unido em torno da impossibilidade de gozar o gozo do pai (Vieira, 2008). “A proibição do incesto, tem também uma poderosa base prática. Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem” (Freud, 1913, p. 147). Com a orientação de Lacan, uma leitura possível para esta passagem seria: a castração institui o laço, enquanto o gozo desestrutura.

Essa possibilidade do todo pela exceção, Freud a vê de maneira exemplar no exército e na Igreja, campos onde, de maneira exemplar, “a falta brilha” (Vieira, 2008, p. 103). Para explicitar o modo como os laços libidinais que unem os grupos podem se romper, Freud escolhe justamente o surgimento do pânico nos grupos militares.

Surge o pânico se um grupo desse tipo se desintegra. Suas características são de que as ordens dadas pelos superiores não são mais atendidas (...) os laços mútuos deixaram de existir e libera-se um medo gigantesco e insensato (Freud, 1921, p. 107).

Freud privilegia em sua análise os laços entre os membros do grupo como profundamente condicionados a essa função de exceção, muito concretamente personificada na figura do líder.

A perda do líder, num sentido ou noutro (...) traz a irrupção do pânico, embora o perigo permaneça o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo que o laço com seu líder (*Ibidem*, p. 109).

A Sociologia nos fala de um “tudo é possível” contemporâneo (Ehrenberg, 2009), onde vemos a generalização de um regime de gozo aparentemente fora do registro da castração. Esta é uma das traduções da falta da falta nos nossos tempos. Assim como em “O Homem da areia” (1816), estamos menos diante de interdições, que de segredos desvelados. Onde o Outro da cultura já não é mais uma fonte confiável de limites, posto que, ele próprio “parece não conhecer a palavra impossível” (Vieira, 2008, p. 112), o caminho que uma análise pode seguir no tratamento das angústias atuais seria o de promover separações, extrações de gozo, para trilhar sulcos no real e pôr o desejo nos trilhos novamente. No caminho oposto ao da nossa sociedade de consumo, a análise teria algo de faxina, de desembaraçar-se de algo (*Ibidem*). Numa experiência de totalidade sufocante e indizível, como o pânico, torna-se mais evidente que é preciso extrair o que deve

ficar oculto para que se possa dizer alguma coisa. Numa análise, esse “grande canteiro de decantação, o essencial está não apenas no conteúdo das cenas, mas também em seu valor de rede (...) que fixa o gozo sem explicá-lo” (*Ibidem*, p. 138).